

## O RESGATE DA CONSCIÊNCIA – O DESPERTAR DO HUMANISMO

RESCUE OF CONSCIENCE: THE AWAKENING OF HUMANISM

Ailton Siqueira de Sousa Fonseca

Doutor pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).  
Professor no Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Mestrado em Ciências Sociais e Humanas (UERN), líder do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (GECOM-UERN).

João Paulo Gurgel

Médico e pós-graduando no Mestrado de Ciências Sociais e Humanas (UERN).  
Professor no curso de Medicina (UERN) e membro do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (GECOM-UERN).

### RESUMO

O filósofo e antropólogo francês Edgar Morin, nascido em 1921, oferece uma contribuição inestimável à humanidade. Suas ideias, mesmo aos cem anos, oferecem clareza sobre a vida e os caminhos individuais. Seu mais recente livro, "Despertemos!" (2022), destaca-se como um chamado à consciência coletiva. Morin explora as dualidades da França, entre humanismo e reação, enquanto desvenda a crise do pensamento científico e tecnológico. Ele adverte contra o transumanismo e enfatiza a necessidade de aprimorar relações humanas em vez de dominar a natureza. A pandemia realça a fragilidade da globalização. Morin propõe uma política para reumanizar a sociedade, promovendo a convivialidade e a responsabilidade individual, contrariando egoísmo e nacionalismo. Ele destaca a metamorfose necessária do humanismo global para abraçar a humanidade completa. Essa revolução antropológica moldará o futuro da humanidade e a interação com o mundo.

**Palavras-chave:** Filosofia. Humanismo. Crise. Transumanismo. Consciência

### ABSTRACT

French philosopher and anthropologist Edgar Morin, born in 1921, offers an invaluable contribution to humanity. His ideas, even at a hundred years old, provide clarity about life and individual paths. His latest book, "Awakening!" (2022), stands as a call to collective consciousness. Morin explores France's dualities, between humanism and reaction, while unveiling the crisis of scientific and technological thinking. He cautions against transhumanism and emphasizes the need to enhance human relationships rather than dominate nature. The pandemic highlights the fragility of globalization. Morin proposes a policy to rehumanize society, promoting conviviality and individual responsibility, countering selfishness and nationalism. He underscores the necessary metamorphosis of global humanism to embrace complete humanity. This anthropological revolution will shape the future of humanity and its interaction with the world.

**Keywords:** Philosophy. Humanism. Crisis. Transhumanism. Consciousness.

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo examina as marcantes contribuições do antropólogo e filósofo francês Edgar Morin, nascido em 1921 na Cidade das Luzes. Mesmo ultrapassando um século de existência, a vitalidade intelectual de Morin e suas percepções sobre a vida e os trajetos humanos permanecem tão vigorosos quanto o título associado ao seu local de nascimento. Não apenas desvenda soluções societárias bem-conectadas, mas também age como um guia sagaz, iluminando trajetos coerentes por meio das complexidades da realidade contemporânea. Em sua juventude, Morin vivenciou o surgimento do nazismo na Europa e o espectro da guerra, impulsionando-o a embarcar em uma busca vitalícia para compreender a condição humana e os caminhos éticos dentro do âmbito do humanismo, com o objetivo de assegurar o sucesso da humanidade em nosso planeta.

Desencantado com as trajetórias predominantes, Morin apresenta vigorosamente possíveis desdobramentos para os indivíduos na era do Antropoceno. Seu mais recente livro, "Despertemos!", publicado em 2022, e que acaba de chegar aos leitores brasileiros por meio da Bertrand Brasil, é composto por quatro ensaios cativantes e inquietantes que exortam fervorosamente o despertar da consciência. Inspirando-se em uma citação do filósofo espanhol José Ortega y Gasset, "Não sabemos o que nos acontece, e é precisamente o que nos acontece", Morin (2023, p. 7) inicia seu trabalho questionando o generalizado sonambulismo acordado no qual vivemos, sonambulismo marcado pela percepção imprecisa da realidade. Fundamentado nas origens do humanismo em sua terra natal, ele se dedica, nesse livro, a avaliar as dinâmicas do mundo contemporâneo, buscando compreender nosso lugar na paisagem atual.

Aqui, nossa proposta é refletir sobre as contribuições abrangentes de Edgar Morin, especificamente nessa obra que, por ser a mais recente, sintetiza muito de sua trajetória política, do seu pensamento, da sua visão complexa sobre os acontecimentos, da sua condição de cidadão do mundo e humanista que ele sempre foi. Uma obra na qual ele se posiciona e posiciona a necessidade urgente e emergente de uma nova consciência humanística como um farol de perspicácia em meio às complexidades da era moderna.

## **DUAS FRANÇAS EM UMA**

De acordo com Morin, a presença de uma França reacionária, encontra suas raízes nos eventos da Revolução Francesa. Com o declínio da monarquia, surgiram discussões humanistas que também alimentaram movimentos em busca do retorno da realeza como uma forma de comando central no país. Desde então, as duas facetas da França - uma humanista e outra

reacionária - têm se intercalado ou até mesmo coexistido. O ponto central levantado pelo autor é que a história da identidade nacional possui uma natureza complexamente unificada e diversificada. Ao longo dos séculos, diversos povos heterogêneos, frequentemente em meio a conflitos violentos, contribuíram para a construção do mosaico cultural e territorial francês.

Sob o regime monárquico, os indivíduos eram considerados súditos, não cidadãos. Entretanto, com a Revolução de 1789, a França se destacou ao estabelecer a aspiração de uma nação humanista, onde a abolição da servidão sem direitos se tornou uma possibilidade concreta. Desse modo, emergiu o conceito de pátria, em que a sociedade foi percebida pelos cidadãos como uma coletividade de destinos, uma espécie de grande família. Essa sensação era mais evidente em tempos de guerra, quando a unidade se fortalecia. No entanto, com a chegada da paz, era natural que o senso de comunidade se atenuasse, abrindo espaço para antagonismos e problemas multifacetados.

Nesse cenário oscilante entre a França humanista e reacionária, a exaltação do povo culmina no nacionalismo, um sentimento que, paradoxalmente, tanto desumaniza o inimigo em tempos de guerra quanto sub-humaniza o estrangeiro em tempos de paz. Com um conhecimento profundo da história francesa, Morin esclarece as inconsistências dos movimentos identitários, questionando se essas divergências decorrem de um limiar demográfico ou mesmo econômico. Ele conclui que esse limite é fundamentalmente psicológico, demonstrando que a atual França reacionária manifesta uma intolerância em relação ao *ethos* do outro.

## **UMA NOVA ERA ANTROPOLÓGICA**

A França reacionária que se evidencia revela a crise da França humanista, uma França que tem uma longa história como nação e de ações humanísticas. Morin tenta compreender o que é mais subjacente a esta constatação. Seria por causa do Estado hiperburocratizado e parasitado? De uma sociedade que só deseja o lucro? Ou de uma crise de civilização e de humanismo? Para ele, por de todas essas crises há uma policrise muito mais complexa e profunda – a do pensamento.

O advento do cientificismo, tão instalado nos modelos educacionais mais contemporâneos, evidencia o atomismo do conhecimento, dissociando cada parte do seu todo, e, assim, retirando a visão ampla do conhecimento. O desenvolvimento tecnológico é, também, capaz de gerar morte para toda a civilização. Eis que a grande racionalidade científica tem seu quinhão de irracionalidade. Ou em suas palavras, “A racionalidade científica revela uma face irracional. O progresso do poder humano redundando na impotência humana” (Morin, 2023, p. 35)

O delírio técnico-industrial, sem a preocupação ecológica devida, tem conduzido ao desastre. É desta forma que “o antropoceno também é tanatoceno” diz ele (Morin, 2023, p. 37).

É dos nossos tempos o surgimento do “transumanismo”, que questiona a natureza humana e a natureza social para transformá-la. Esse “transumanismo conduz a uma metamorfose antropológica em que o humano se tornaria meta-humano sobre-humano e pós-humano” (Morin, 2023, p.37-8). Novamente eleva o mito de que o homem teria domínio sobre o mundo. O problema maior desta filosofia está em que se joga para a névoa o verdadeiro teor da desumanidade: na verdade, o aumento quantitativo do poder não é a necessidade humana maior, mas a melhoria qualitativa das relações entre as pessoas e das condições de vida. Não se trata de mudar a natureza humana, mas inibir o pior e promover o melhor que há nela. Somente assim é possível construir “um mundo melhor livre dos perigos do melhor dos mundos” (Morin, 2013, 2023).

A ameaça maior está na insanidade de poder imersa na trindade ciência-tecnologia-economia – o lucro insaciável e o poder dos Estados são os maiores impulsos da decadência final.

Com a pandemia da Covid-19, escancarou-se que estamos no coração da crise – a interdependência da globalização técnico-econômica não trouxe solidariedade; problemas de autonomia e dependência das nações estão, portanto, sob risco. A pandemia mostrou que estamos não somente no coração da crise, mas que vivemos a crise no coração da humanidade.

## **CRISE DO PENSAMENTO E PENSAMENTO DA CRISE**

Ao longo de sua trajetória intelectual, Morin vem refletindo sobre as diversas crises pelas quais nós e as sociedades vem passando. Para ele, crise é aquilo que constitui uma perturbação que afeta em maior ou menor grau a estabilidade de um sistema, seja ele social, cultural, político, informacional, existencial ou os sistemas do próprio pensamento. A crise se constitui como um momento de desordem – ou de uma nova ordem emergente – que tende a uma reorganização. Como ele mesmo esclarece, uma “crise pode resolver-se de forma reacionária, conservadora, reformadora ou revolucionária. Também pode combinar uma síntese de antigo e novidade” (2023, p. 46).

Hoje, a manifestação da França reacionária evidencia uma instabilidade subjacente à sua contraparte humanista, uma crise que o pensador Morin busca compreender em sua profundidade. Seria tal desequilíbrio uma consequência do Estado excessivamente burocratizado e parasitado? Ou talvez decorresse de uma sociedade guiada exclusivamente pela

busca do lucro? É sabido “qualquer crise nos põe diante da incerteza que caracteriza seu desdobramento, sua progressão, sua regressão, sua solução” (Morin, 2023, p.49). Contudo, Morin insiste que a tensão é de natureza mais profunda: uma crise do pensamento.

Toda crise produz, simultaneamente, progressos e retrocessos, lucidez e cegueira cognitivas. Portanto, a ascensão do cientificismo, arraigado nos modernos modelos educacionais, é reveladora do atomismo do conhecimento, fragmentando cada parte de sua totalidade e, conseqüentemente, obscurecendo a visão holística. O desenvolvimento tecnológico, por sua vez, não está isento da capacidade de desencadear catástrofes em escala civilizacional. A própria racionalidade científica, frequentemente exaltada, abriga um elemento de irracionalidade. A busca desenfreada por avanços técnicos e industriais, desprovida da devida preocupação ecológica, tem desembocado em desastres. Assim, o Antropoceno se desenha também como um Tanatoceno.

A atualidade testemunha o surgimento do transumanismo, um movimento que reacende o mito do domínio humano sobre o mundo. No entanto, a verdadeira crueldade por trás dessa filosofia é obscurecida pelas névoas da retórica: o aumento quantitativo do poder não representa a mais premente necessidade humana; ao contrário, aprimorar qualitativamente as relações entre as pessoas e as condições de vida é o verdadeiro anseio. A transformação da natureza humana não está em pauta. E assim, apesar dos racismos e sectarismos, reconhecer a humanidade plena de todas as pessoas torna-se difícil e uma aposta fundamental.

A maior ameaça emerge na loucura do poder imersa na tríade ciência-tecnologia-economia, onde a ganância insaciável pelo lucro e o poder estatal imperante figuram como os principais catalisadores da decadência final. A pandemia de Covid-19 expõe a profunda crise que enfrentamos, destacando como a interdependência da globalização técnico-econômica não resultou, necessariamente em maior solidariedade entre os povos e nações. A autonomia das nações, juntamente com sua dependência, encontra-se sob ameaça latente. Se continuarmos a pensar como pensamos nós iremos nos perder de nós mesmos. O mundo ficará à deriva. Sem saída.

A crise da humanidade é, hoje, uma policrise, simultaneamente tanatológica, ecológica, econômica, civilizacional e histórica. Uma crise que incide sobre a natureza e destino da condição humana como pensa Morin (2023).

## VOLTAR À NOSSA TERRA

Mais do que em qualquer outra época, essa nova era se apresenta de forma ambígua e paradoxal: com enormes progressos materiais e científicos e, ao mesmo tempo, com gigantescos perigos mortais decorrentes desses avanços técnicos-científicos-econômicos. Algo já percebido por Morin anteriormente nos seus livros *Terra-Pátria* (1993) e em *O caminho da esperança*, este último em parceria com Stéphane Hessel (2012). Agora, Morin (2023) volta, enfaticamente, a criticar o problema do avanço material exagerado que carrega consigo perigos de natureza letal.

Essa constatação escapa à compreensão de mentes que se fecham em perspectivas unilaterais. Em uma época onde a incerteza é a única certeza que temos, é imperativo abandonar a concepção linear da história. Essa nova era, como ele mesmo diz se referindo a Bruno Latour, nos obriga a ‘aterrissar’ na visão central e dialógica da Terra, da vida e do Homem (Morin, 2023, p. 60). Não podemos, é claro, menosprezar a importância da visão global e do senso de interesse coletivo. Transformar a mera espécie humana em uma verdadeira humanidade se torna um imperativo vital para assegurar a própria sobrevivência da espécie, uma aposta na utopia possível de “tornar a Terra habitável”, humanamente, como ele, juntamente com Peter Sloterdijk defende em uma obra que trás esse mesmo título (2021). Para Morin, “civilizar a Terra, transformar a espécie humana em humanidade, torna-se o objetivo fundamental e global de qualquer política que aspire não só ao progresso, mas também a sobrevivência da humanidade” (2023, p.60).

A evidência é clara: a mente humana evoluiu desmesuradamente em domínio sobre o mundo físico e orgânico, ao mesmo tempo em que negligenciou sua compreensão do âmbito humano. Como ele mesmo afirma: “a mente humana superdesenvolveu seus poderes sobre o mundo físico e sobre o mundo vivo, mas subdesenvolveu seus poderes sobre tudo o que é humano” (2023, p. 61). Ou nas palavras de Pascal, “o poder sem consciência é a ruína da alma” (*apud* Morin, 2023, p. 62). Devemos também estar atentos ao fato de que a ciência, permeada por interesses financeiros, é intrinsecamente incerta. Urge uma reformulação do pensamento para romper com paradigmas estreitos.

Não se pode subestimar que tudo que é humano é simultaneamente biológico e cultural, assim como polarizado. Uma reforma educacional profunda e complexa é pertinente para que possamos ultrapassar os limites disciplinares e fragmentados dos conhecimentos bem como para a compreensão complexa da condição humana. Assim, poderíamos ter uma visão religada do ser humano, do *Homo*, esse ser que é, ao mesmo tempo, *sapiens* e *demens*, *faber* e

*mythologicus, economicus* (guiado pelo interesse, pela praticidade, pelo cálculo, pelo fazer prático) e *ludens* (movido pelo jogo, pela gratuidade, pelo gozo, pela diversão). É essa complexidade que confere instabilidade e, ao mesmo tempo, versatilidade ao ser humano, que vive em meio a contradições, ambiguidades e incertezas. Para Morin, o ser humano é instável e versátil, capaz do melhor e do pior. Portanto, controlar paixões por meio da razão e aquecer a razão com as paixões são ações imprescindíveis, pois a razão sem paixão torna-se mecânica, desumana e paixão sem a razão torna-se devaneio solto, delírio incontável. Razão e paixão formam, assim, uma dialogia complementar.

Emerge, assim, a necessidade premente de uma política civilizacional que reinsufle convivência em nossa existência e propicie o retorno à humanização. Em outras palavras, trata-se de “uma política plenamente humanista de salvação pública e, de modo mais amplo, uma nova via para a humanidade” (Morin, 2023, p.68; Morin, 2013).

Essa política deve “ressuscitar a noção de salvação pública” e fomentar a autonomia individual aliada à responsabilidade e liberdade, ao mesmo tempo que desenvolve esforços práticos, cognitivos e subjetivos para reumanizar e devolver a convivialidade à nossa existência (Morin, 2023, p. 72). Somente através de um reconhecimento pleno da humanidade do outro é que se poderá conceber uma civilização verdadeira sobre a Terra.

Há, dentro deste contexto, princípios de esperança que se fazem presentes, tais como: *a aposta no improvável*, frequentemente observada em momentos cruciais da História; *as possibilidades e a criatividade da mente humana* que constituem recursos inesgotáveis; e na impossibilidade de durar infinitamente qualquer sistema, sociedade ou indivíduo. Assim, a nova política humanística de salvação pública exige da humanidade uma nova consciência de humanidade e vice-versa. Muitos aceitarão esse desafio cotidiano e se somarão a muitos outros. Esses serão, segundo Morin, os sujeitos regeneradores da esperança, sem a qual o futuro não existirá.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MORIN, Edgar. **Despertemos!** Um chamado para o despertar das consciências. Tradução: Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023.

\_\_\_\_\_. SLOTERDIJK, Peter. **Tornar a Terra habitável.** Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Fagner França. Natal: EDUFRN, 2021.

\_\_\_\_\_. **É hora de mudarmos de via:** as lições do coronavírus. Tradução: Sara Abouessalam. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

\_\_\_\_\_. **A via:** para o futuro da humanidade. Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

\_\_\_\_\_. HESSEL, Stéphane. **O caminho da esperança.** Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

\_\_\_\_\_. KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria.** Lisboa: Instituto Piaget, 1993.